## No desenvolvimento da cultura

# É preciso abrir caminho para os novos talentos

## — clama Silvério Sitói, o mais novo dos artistas plásticos representados na exposição permanente

Dom. 25/6/89

*por*
*Orlando Muchanga*
*(texto)*
*e Amadeu Marrengula*
*(fotos)*

**ESTAR representado num museu de arte, em qualquer canto do mundo, só por si, é motivo de grande orgulho, e acima de tudo, revelador de talento peculiar, sobretudo quando se trata do mais novo de todos os representados nesse certame. Pois é isto o que se pode dizer em relação ao jovem artista plástico, Silvério Sitoe, de 22 anos de idade, que «Domingo» descobriu durante a exposição permanente patente há algumas semanas no Museu Nacional de Arte, em Maputo. O quadro, uma obra telhada a lápis de cor, «como aquelas que são utilizadas pelas crianças na escola», segundo palavras do autor, banhada por um verniz em cima, com o título, «A união faz a força», encontra-se patente no fundo direito, para quem entra, do primeiro salão daquele museu. Foi, este quadro, um dos trabalhos mais admirados naquele evento segundo observação registada por alguns delegados da recente Conferência da Comissão Sul, reunidos na capital moçambicana e que chegaram a considerá-la uma obra «prima» de autoria de um «clássico».**

Silvério Salvador Sitoe, embora radicado na cidade da Beira, onde é professor de desenho na Escola Secundária das Forças Armadas de Moçambique, desde Janeiro do corrente ano, se encontra na capital do País. Primeiro para participar na exposição artística colectiva realizada por ocasião do 26.º aniversário da fundação da OUA, onde estiveram frente a frente homens conhecidos como Malangatana, Samate, Noel Langa, Silvia Bragança e outros artistas de renome. Segundo, para a permanente, arranjar material para o retorno ao trabalho e talvez procurar apoio para galgar as barreiras e furar a rede do anonimato o que não é fácil, principalmente quando não se conhece ninguém. Foi nesta base que a nossa Reportagem procurou aquele artista, porque, como se costuma dizer, e conhecendo o autor que melhor se pode compreender e interpretar o valor da obra. Na verdade esta é a primeira vez que Sitoe fala para um jornalista.

O nosso entrevistado começou por reconhecer que não é ainda artista no sentido restrito da palavra **mas quando assim me chamam tenho que admitir que alguma coisa existe.** Adiantou que **o caminho é ainda longo, por vezes espinhoso, será necessário muito trabalho. Os nossos pais criaram-nos as condições quando pegaram em armas e expulsaram o colonizador. Nós, para vencermos, já não precisamos de voltar ao mato,** sublinhou. É oportuno salientar desde já que o nosso interlocutor é um bom conversador e dotado de uma expressividade linguística de invejar, sobre isto diz que **da maneira como falo ou como ando é como pinto, aquilo que sou, sou-o em toda a parte.**

Solicitado a falar de si e dos caminhos atravessados para, com apenas 22 anos de idade, estar representado ao lado de «grandes monstros», numa exposição cuja selecção se baseou na procura do melhor entre os melhores. Silvério Sitoe disse que muita gente quando olha para a obra e depois para mim, talvez devido ao meu aspecto físico (fino), não acredita no que sou capaz de fazer.

No entanto frisou que nasci mesmo em Gaza, em Mulhengue-Thava, Ka Mandlakaz, em Dezembro de 1967. Até aos dez anos andei ligado à pastorícia.. Meu pai tinha muito gado, algum ainda selvático que era preciso educar. Com apenas cinco anos de idade partia às 18 horas de casa, ia dormir na machamba, onde acordava às três horas da madrugada para a lavoura. Durante este período atravessei muitas, por vezes solitário. Foi esta solidão que me obrigou a ocupar o meu tempo rabiscando na areia. Acho que foi aqui onde verdadeiramente nasceu a minha personalidade. Habituei-me pensar conscientemente em que tudo o que devia fazer — disse.

Acrescentou que entra na escola em 1974, tendo sido aluno de seu pai. Gostava de declamar poesia. Em 1978 concluiu o ensino primário.

**—Aqui surge mais uma fase pesada da minha vida. Fui matriculado na Escola Secundária de Machulane, a cerca de 30 quilómetros da casa. Às vezes deslocava-me soltário à pé. Imagine que nessa altura tinha 11 anos.** O nosso interlocutor toma fôlego olha para as pessoas que entram e saem na pastelaria onde estamos instalados, algures na baixa da cidade de Maputo. O café, esquecido, ficou frio, ele não bebe nem fuma e retoma a palavra.

**Em 1980 faço a 6.ª classe e como não tive vaga em nenhuma escola da província de Gaza e meus pais a residirem em Mabalane fui lançado para a Escola Secundária da Ilha de Moçambique, em Nampula. Tinha 12 anos e fiquei mergulhado num mundo de desconhecidos. Meu pai não tinha condições para me educar convenientemente devido à distância. Aprendi todo o tipo de arte para poder sobreviver. Devia saber como improvisar o sapato roto, os calções rasgados atrás ou a camisa sem botões. Até aqui já fazia desenhos muito invejados pelos meus colegas. Fazia banda-desenhada, caricaturas, cópias do meio natural e «posters» de Newton e Lénine. Desenhava flores e dançava makwayela e makwai** — disse o artista.

Recorda que, feita a 9.ª classe, em 83/84 matricula-se na Faculdade de Educação da UEM, numa escolha individual porque era o único sítio onde podia aprender desenho. Lá, conheceu individualidades dos meios cultural e académico, como Dr. Augusto Cabral, Dina de Almeida e os professores Cipriano e o austríaco Bernardo que o incentivaram a abraçar a arte, sendo posteriormente por eles considerado o melhor aluno do desenho artístico a nível do seu curso, facto que lhe valeu um diploma de honra.

Em 1986, concluído o curso no ano anterior, é afecto na Escola das Forças Armadas da Beira para leccionar 7.ª, 8.ª e 9.ª classes. Segundo as suas palavras, embora tenha aprendido a desenhar com lápis de carvão, **fiz as primeiras aguarelas em 1986. o quadro foi intitulado «Rosa», não havia nenhuma rosa, mas estavam retratadas as partes salientes e mais sensuais da mulher. Ninguém aceitou comprar a obra porque muitos consideravam-na recorte de uma fotografia. Acabou por ficar com o professor Bernardo,** disse.

Sobre a sua fonte de inspiração, Sitóe, como é mais conhecido nos meandros artísticos, sustentou que **os meus temas surgem quando caminho solitário pelas ruas. A minha sugestão é a vida dura. Nas obras pode ler-se a escravatura, a discriminação racica é tribal, o abandono e sobretudo os complexos maléticos. Também falo do amor, só que, por vezes, acho que da maneira como o idealizo, ultrapassa os parâmetros da vida real. Acho ficticio aquilo que gostaria que o amor fosse.**

### ENCONTRO COM BEIRÃO

O nosso entrevistado disse a dado passo que depois de ter andado sem beira encontrou-se com o conhecido compositor, intérprete, pintor e poeta Carlos Beirão. Foi **uma senhora que me disse que existe uma pessoa (Beirão) que estimula crianças a praticar desenho. Fui ter com ele e em 1986, sob sua mão, participei numa expósição colectiva. Em 1987 fiz a primeira individual na casa dos «Bicos» daquela cidade. Daí comecei a conviver com artistas como Shikane, Ferrão e outros radicados naquela cidade, incluindo das outras áreas como literatura e música. Participei em quatro exposições colectivas** — palavras do artista.

Ainda neste sentido, o nosso interlocutor informou que foi também em 1987 que travou conhecimento com o actual director da Escola Forças Armadas da Beira, o Coronel Guidion Ndobe, que reconhecendo o seu talento, aconselhou-o a procurar outros horizontes. Foi com a sua ajuda quo o artista conseguiu participar na exposição da OUA realizada o mês passado em Maputo, donde foi extraida a «união faz força», pendurada no Museu de Arte.

Neste contexto, Silvério Sitóe adiantou que «sendo a arte um meio de comunicar o que nos vai por dentro, a selecção da minha obra espantou-me, porque há muitos artistas que pintam desde há muito tempo, a quem tenho pedido opiniões, que não foram escolhidos. Mas também marca o início de uma nova era. Continuarei a trabalhar, porque só pintando é que me sinto nos «As». Tudo o que deixa marca na tela serve para trabalhar, nomeadamente, lápis de cor ou de carvão, aguarelas, tinhas da china, óleo. Também faço linogravura e chilogravura. Entretanto, gosto mais do lápis de cor que é mais barato e dá muita inspiração» — frisou o artista.

Sobre o futuro dos novos artistas, o nosso interlocutor é da opinião de que **algo existe só que ainda está oculto. Em todos os cantos, na literatura, na pintura, na dança e principalmente na música, está a existir uma nova explosão. Surgem novos rumos e novas buscas. Cabe aos adultos amadurecê-los. O pai somente pode ser avô quando acreditar que o filho já é pai. O importante não é só fazer política, mas vivemos numa sociedade dirigida que está em constante transformação. Os velhos, assim como os novos devem estar preparados para aceitarem as mudanças. É preciso abrir lugar para os novos talentos. Nós que nascemos no tempo da querra temos a nossa maneira de interpretar o nosso meio e quando se trata de cultivar aquilo que nós somos nunca deve haver ideias inúteis. Por exemplo, eu acredito na tatuagem e em cada traço que faço na tela, encontro cantigas antigas que nos tempos da infância ouvia lá em Gaza.**